

**SELOU & MAYA: MAYA & SELOU -  
REFLEXÕES SOBRE UMA OBRA DE LITERATURA INFANTIL**  
Marlene Maliko Maeda<sup>1</sup>, Gislene Aparecida da Silva Barbosa<sup>2</sup>

**Resumo**

O objetivo deste artigo é analisar a qualidade literária da obra *Selou & Maya: Maya & Selou*, de Lara Meana e María Pascual de la Torre, que foi distribuída no Brasil por meio do Programa Leia para uma Criança, do Itaú. Considerando a importância da literatura infantil na aprendizagem e no desenvolvimento dos pequenos, destacando também o papel de bons materiais literários como instrumentos de acesso à cultura letrada e, portanto, potencializadores do processo de humanização, é fundamental que obras constantes em programas de leitura sejam analisadas quanto à materialidade, a ilustrações, à linguagem e aos paratextos, verificando seu potencial de favorecer o Letramento Literário. A pesquisa, de abordagem qualitativa, com uso da metodologia de análise documental, é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso vinculado à Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – campus Presidente Epitácio. A obra investigada, ao articular duas histórias pelos paratextos, pela materialidade, pela linguagem verbal e visual, cria uma possibilidade artística de ampliar as práticas de leitura literária e a compreensão de temas como diversidade cultural e étnica, além de potencializar a empatia e alteridade, favorecendo que a criança vivencie, pela leitura, outras realidades.

**Palavras-chave:** Literatura infantil; Qualidade literária; Letramento Literário; Leitura.

**SELOU & MAYA: MAYA & SELOU-  
REFLECTIONS ON A WORK OF CHILDREN'S LITERATURE**

**Abstract**

The purpose of this article is to analyze the literary quality of *Selou & Maya: Maya & Selou*, by Lara Meana and María Pascual de la Torre, which was distributed in Brazil through Itaú's Read for a Child Program. Considering the importance of children's literature in the learning and development of the little ones, also highlighting the role of good literary materials as instruments of access to literate culture and, therefore, enhancers of the humanization process, it is essential that books in reading programs are analyzed as to materiality, illustrations, language and paratexts, verifying their potential to favor Literary Literacy. The research, with a qualitative approach, using the methodology of document analysis, is part of a Course Conclusion Paper linked to the Degree in Pedagogy, at the Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo – Presidente Epitácio campus. The investigated work, by articulating two stories through paratexts, materiality, verbal, and visual language, creates an artistic possibility to expand the practices of literary reading and the understanding of themes such as cultural and ethnic diversity, in addition to enhancing empathy and otherness, favoring the child to experience, through reading, other realities.

**Keywords:** Children's literature; Literary quality; Literary Literacy; Read.

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia, IFSP-PEP, discente, marlene.maeda@aluno.ifsp.edu.br.

<sup>2</sup> Licenciada em Letras e Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), professora de Língua Portuguesa no curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus de Presidente Epitácio, membro do grupo de pesquisa "Formação de professores e as relações entre as práticas educativas em leituras, literatura e avaliação do texto literário", na FCT – UNESP, barbosagislene@gmail.com.

## **SELOU & MAYA: MAYA & SELOU- REFLEXIONES SOBRE UNA OBRA DE LITERATURA INFANTIL**

### **Resumen**

El propósito de este artículo es analizar la calidad literaria de la obra *Selou & Maya: Maya & Selou*, de Lara Meana y María Pascual de la Torre, que fue distribuida en Brasil a través del Programa Lectura para un Niño de Itaú. Considerando la importancia de la literatura infantil en el aprendizaje y desarrollo de los más pequeños, destacando también el papel de los buenos materiales literarios como instrumentos de acceso a la cultura alfabetizada y, por tanto, potenciadores del proceso de humanización, es fundamental que se analicen los libros constantes en los programas de lectura en cuanto a materialidad, ilustraciones, lenguaje y paratextos, verificando su potencial para apoyar la Alfabetización Literaria. La investigación, con enfoque cualitativo, utilizando la metodología de análisis documental, es parte de un Trabajo de Conclusión del Curso vinculado a la Licenciatura en Pedagogía, en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de São Paulo - campus Presidente Epitácio. El libro investigado, al articular dos relatos a través de paratextos, materialidad, lenguaje verbal y visual, crea una posibilidad artística de ampliar las prácticas de lectura literaria y la comprensión de temas como la diversidad cultural y étnica, además de potenciar la empatía y la alteridad, favoreciendo que el niño experimente, a través de la lectura, otras realidades.

**Palabras-clave:** Literatura infantil; Calidad literaria; Alfabetización literaria; Lectura.

### **Para começo de conversa**

As práticas de leitura literária são fundamentais para o desenvolvimento do Letramento Literário. De acordo com Cosson (2020, p. 172), tal letramento pode ser entendido como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária dos sentidos”, ou seja, a apropriação da linguagem literária. Semelhante ao aprendizado da língua materna, é necessário um processo simultaneamente social e individual, que faz com que práticas leitoras sejam comuns a uma comunidade, mas também particulares a um indivíduo, constituindo-o, ressignificando-o, ampliando sua forma de ser e de agir no mundo. Não é algo acabado, mas um processo que se constrói ao longo do tempo, podendo ser iniciado na infância.

Desde a mais tenra idade, é possível desenvolver práticas de leitura literária, até mesmo os bebês que ainda não leem convencionalmente podem “ser leitores”. Nesse sentido, é importante que as obras de literatura infantil tenham qualidade para oferecer um material significativo aos pequenos. Os textos literários se diferenciam dos textos não literários, pois são frutos da expressividade do autor, destacando-se os elementos artísticos e estéticos, possibilitando interpretações subjetivas, e oferecendo linguagens diversas, além de abordarem temas variados em aventuras, dramas, histórias de amor etc.

Este artigo tem como objetivo analisar a qualidade literária da obra *Selou & Maya: Maya & Selou*, de autoria de Lara Meana com ilustrações de María Pascual de la Torre e tradução para o português de Graziela R.S. Costa Pinto. A análise documental (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), amparada em referenciais teóricos sobre Letramento Literário e sobre a constituição da obra literária, permite reflexões acerca da materialidade, dos paratextos e da narrativa em si, que é constituída pelo texto verbal e pelas ilustrações.

Esta análise de *Selou & Maya: Maya & Selou* é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que está vinculado ao curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus de Presidente Epitácio (IFSP-PEP). O TCC se propôs a verificar se existe qualidade nas obras distribuídas *pelo Programa Leia para uma Criança*, do Itaú, desde sua criação aos dias atuais, e analisar se as obras podem contribuir para o processo de humanização das crianças, compreendido dentro das potenciais práticas de Letramento Literário. São 28 obras distribuídas ao longo de mais de uma década, entre 2010 e 2021, e o TCC analisa sete obras de momentos distintos do Programa, sendo uma delas *Selou & Maya: Maya & Selou*.

O *Leia para uma Criança* é um programa de incentivo à leitura na primeira infância criado pelo Itaú e pela Fundação Itaú Social, que completou uma década em 2020 e distribuiu mais de 60 milhões de livros aos lares brasileiros neste período. O projeto tem como objetivo levar material literário e possibilitar o acesso aos livros, incentivando o Letramento Literário para crianças de 0 a 6 anos, a fim de que elas possam desenvolver todo o seu potencial como ser humano, por meio da leitura literária.

Este artigo está estruturado em quatro seções: a primeira aborda a importância da literatura para as crianças; a segunda discorre sobre as obras de literatura infantil, suas características e especificidades; a terceira traz uma análise da obra *Selou & Maya: Maya & Selou*, considerando aspectos como materialidade, paratextos e narrativa verbal e não verbal e, por último, estão as considerações finais.

## **1. A importância da literatura para as crianças**

Não restam dúvidas de que a literatura é imprescindível para o desenvolvimento infantil, contribuindo para um bom desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da imaginação e para a educação humanizadora da criança. Para melhor compreender essa relação entre literatura infantil e humanização, é importante conhecer o conceito de criança, de infância e da

literatura destinada a elas. Para isso, é preciso resgatar a função humanizadora da literatura propagada por Candido (2004), segundo a qual se pode dizer que a literatura desempenha um papel fundamental na apropriação de atos sociais mediados pela linguagem, sobretudo a linguagem artística. Assim ela favorece o desenvolvimento do ser humano, atuando na formação do caráter, estimulando a imaginação, fortalecendo a empatia e promovendo a difusão do conhecimento, entre outros benefícios.

Candido (2004, p. 174) compara o direito à literatura a um direito humano, justificando que a literatura humaniza, sendo uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Alega que nenhum homem ou povo possa viver sem a literatura, ou seja, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação ou ficção. Ele afirma que a literatura é parte da vida e define literatura como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. O autor defende a ideia de que a luta pelos direitos humanos inclui a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso não só aos bens que assegurem uma sobrevivência física decente, mas também aqueles que garantam uma integridade espiritual, o que inclui também acesso aos diferentes níveis de cultura, “uma fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis” (CANDIDO, 2004, p. 191). Assim, a literatura é um bem indispensável, apta a conversar com os direitos humanos, uma vez que dá acesso a um mundo de alteridade que não está presente no cotidiano, como uma ficção, o que leva a considerar outras experiências e situações, de uma perspectiva mais empática e conseqüentemente mais humanizadora.

Cosson (2020, p. 177-178) também acredita na função humanizadora da literatura. Para ele, a leitura literária não é apenas uma interação entre o leitor e o texto, mas sim uma transação em que o leitor e texto se condicionam e são condicionados de maneira recíproca, sendo essa relação transacional que institui a obra literária. Afirma que, por ser única, pessoal e intransferível, por ser uma experiência singular de linguagem, por ser uma construção simbólica feita somente de palavras, a experiência literária é extremamente libertária e humanizadora.

Por meio dela, podemos assumir o lugar do outro sem deixar de ser nós mesmos, rompemos com os limites do tempo e do espaço da realidade histórica a que estamos irremediavelmente presos, significamos e ressignificamos nossa vida e nosso mundo em outras tantas vidas e mundos. Em suma, pela relação intensa com a linguagem enquanto linguagem e construção simbólica do mundo e de nós mesmos, que é o fundamento da experiência literária, nos libertamos das constrições e

dos ordenamentos que nos são dados socialmente e nos fazemos verdadeiramente humanos. (PAULINO; COSSON, 2009 apud COSSON, 2020, p. 179)

Azevedo (2021) observa que as atividades desenvolvidas em contexto de educação pré-escolar, nomeadamente as que se relacionam com a literacia emergente e com a leitura de textos do *corpus* da literatura infantil, são relevantes na iniciação da criança à educação literária e ao gosto pela leitura. O autor chama a atenção para a importância da adoção de hábitos e práticas de leitura desde uma idade precoce, a fim de que a criança se familiarize com a literatura e que associe a leitura às experiências gratificantes.

Não nascemos leitores, tal como não nascemos não leitores. Fazemos leitores, em função das experiências gratificantes que temos com a leitura. Por esta razão é tão importante que, desde uma idade precoce, de preferência ainda antes do nascimento, a criança seja familiarizada com hábitos e práticas de leitura que representem experiências gratificantes. (AZEVEDO, 2021, p. 7)

Ele cita práticas como ler em família, ler às crianças e com as crianças, frequentar espaços culturais, bibliotecas, livrarias, museus, teatros, cinemas etc., como formas de aproximar as crianças dos textos, interagir com elas, possibilitar que elas vivenciem o encantamento e a magia decorrente da atividade do contador de histórias.

A leitura literária é uma prática social muito importante para o pleno desenvolvimento infantil. E o livro, assim como todos os objetos, só se torna um objeto de cultura quando desempenha o uso social para o qual foi criado, necessitando da intervenção de um parceiro mais experiente para demonstrar seu uso ou instruir verbalmente a criança.

Na concepção de ser humano da teoria histórico-cultural de Vygotsky, citada por Mello (2004, p. 144), o processo de desenvolvimento é resultado do processo de aprendizagem. Assim, o desenvolvimento infantil não está apenas atrelado às questões biológicas, mas centrado principalmente na cultura e na linguagem. A criança se desenvolve por conta disso, ou seja, o desenvolvimento humano acontece toda vez que se aprende. Primeiro se aprende, depois se desenvolve. No contato com o livro, a criança começa a manusear o objeto material, observando o jeito de lidar com as letras, com as páginas. Na proferição de um adulto, entra em contato com a narrativa, com as palavras, com as imagens e vai construindo sua aprendizagem por meio do objeto livro. Quando a criança não está alfabetizada, ela necessita desse leitor mais experiente para proporcionar essa vivência que vai ajudá-la a se desenvolver.

O processo de aprendizagem é sempre colaborativo, resultado da ação conjunta entre o parceiro mais experiente e aquele que aprende. A aprendizagem acontece porque a pessoa que está aprendendo está interagindo na cultura. No contato, nas ações sociais, uma pessoa acaba impactando no desenvolvimento da outra. Aí resulta que o conhecimento de uma colabora para o desenvolvimento da outra.

É importante lembrar que o conceito de criança, de literatura infantil, assim como o conceito de infância é historicamente construído e muda ao longo dos tempos, podendo ter variações até dentro de uma mesma sociedade, acompanhando o tempo e a cultura da sociedade na qual está inserida. Siqueira (2012, p. 14) define as concepções de criança e de infância, a partir de pesquisas nos campos da Educação e da Psicologia, como “um sujeito cujas experiências de vida se dão na articulação entre suas especificidades naturais/biológicas de desenvolvimento e suas condições concretas de existência, social, cultural e historicamente determinada”; e “uma construção social que se dá num tempo social da vida marcado por singularidades e universalidades no plano natural-social e lógico-histórico”, respectivamente.

No livro *História social da criança e da família*, o historiador francês Philippe Ariès (1981) declara que a infância como se concebe hoje só começou a tomar forma nos últimos quinhentos anos, ou seja, o sentimento de infância é relativamente novo na história da humanidade. Só cresceu e tomou forma com o surgimento de uma nova noção de família, o modelo familiar burguês, resultante do desenvolvimento do capitalismo. Antes disso, as crianças eram consideradas miniadultos: vestia-se como um miniadulto, trabalhava como um miniadulto e era retratada como um miniadulto. Obviamente não existia uma literatura ou produtos voltados especialmente para as crianças como seres únicos e particulares. Transformações sociais como a ascensão da burguesia e a consolidação de instituições como a família e a escola contribuíram para a mudança de visão de que as crianças possuem características e necessidades diferentes dos adultos e, conseqüentemente, necessitam de uma educação diferenciada para a vida adulta. Antes disso, preocupações como o aprendizado e o desenvolvimento das crianças praticamente não existiam. Foi a partir dessa nova percepção da infância que teve início a literatura infantil.



## 2. As obras de literatura infantil

Foi com Charles Perrault<sup>3</sup>, no século XVII, que surgiu uma literatura inicialmente adaptada e depois voltada às crianças. Ele retirava das narrativas populares, por exemplo, trechos que considerava inapropriados aos pequenos, como passagens com conteúdo incestuoso ou canibalismo. Somente com a publicação de *Contos da mãe gansa* (1697), coletânea de contos, é que o francês se dedicou inteiramente à literatura considerada infantil. Considerando uma linha do tempo, a produção da literatura infantil teve continuidade por meio dos irmãos alemães Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), o inglês Lewis Carrol (1832-1898) e o escocês James Barrie (1860-1937).

No Brasil, a literatura infantil propriamente dita só começou a ganhar destaque a partir do século XIX, com Monteiro Lobato. Antes dele, os livros eram editados em Portugal e na França, geralmente traduções de obras clássicas internacionais, que eram transplantadas (traduzidas) para o Brasil. Contos como “*Chapeuzinho Vermelho*” de Perrault, por exemplo, com bosques e lobos, paisagem e fauna bem diversas das do Brasil; ou histórias como “*A Pequena Vendedora de Fósforos*” de Hans Christian Andersen, em que a paisagem invernal, marcada por frio extremo e neve, faziam parte do repertório de histórias infantis das crianças brasileiras.

*A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920) foi o primeiro livro infantil de Lobato, cujo sucesso deu origem à série *O Sítio do Pica-pau Amarelo*, composta por 23 volumes escritos entre 1920 e 1947. Essa ação inaugurou uma nova fase na literatura infantil brasileira. Personagens como Narizinho; Pedrinho; Dona Benta; tia Nastácia; Emília e Visconde de Sabugosa trouxeram a cultura brasileira para dentro das páginas dos livros, valorizando a cultura e o folclore local. Saci, Curupira, Cuca reforçam a percepção de que a obra foi pensada nacionalmente, utilizando elementos da cultura local. O próprio nome do local “Sítio do Pica-pau Amarelo” destaca uma ave comum na fauna brasileira.

Lobato abriu as portas para uma produção literária significativa no país. Depois dele, vieram outros autores que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento deste segmento. Hoje o mercado editorial brasileiro apresenta uma variedade de obras e temas voltados para a infância. Atualmente há diversos autores brasileiros premiados e reconhecidos

---

<sup>3</sup> PERRAULT, Charles. **Charles Perrault**. e-Biografia. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/charles\\_perrault/](https://www.ebiografia.com/charles_perrault/)> Acesso em: 25 jul. 2021.

internacionalmente, especializados em literatura infantil e juvenil, como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Cecília Meireles, Lygia Bojunga, a ítalo-brasileira Eva Furnari, Ziraldo, Angela Lago, Manoel de Barros, André Neves, Ricardo Azevedo, Ilan Brenman, Mariana Massarani, Fernando Vilela, José Roberto Torero, Daniel Mundukuru, Duda Machado, Roseana Murray, Roger Mello, Léo Cunha, Marilda Castanha e Silvana Rando entre outros.

Ademais deles, com o crescimento da literatura infantil no mundo, autores estrangeiros também renomados publicam obras que são traduzidas à Língua Portuguesa e comercializadas no Brasil, sobretudo as que se destinam aos pequeninos: de bebês aos seis anos de idade. Temas voltados à vida das crianças, suas rotinas, trazem contribuições e ampliação de repertórios culturais.

A literatura infantil é pensada para atender especificidades da infância. Embora não haja regras rígidas, é inegável que não se pode desconsiderar aspectos nos livros voltados à linguagem, ao projeto gráfico, às ilustrações etc. A materialidade do livro, por exemplo, que é constituída pela forma, capa, cores, tipo de letra, textura, disposição do título etc. é o que permite uma experiência de exploração visual, tátil, de diferentes linguagens. Todos esses itens podem proporcionar uma experiência literária para cada faixa etária da infância.

Nos projetos editoriais, o acabamento é um aspecto muito importante, pois pode facilitar a leitura e o manuseio dos livros, além de contribuir para a estética, tornando o produto mais atrativo. A encadernação do tipo canoa é muito usada em revistas e livretos, na qual a capa e o miolo são grampeados. Ela não é recomendada para materiais com um volume grande de páginas, nem para papéis de alta gramatura, pois os grampos podem se soltar ou dificultar o manuseio e o folhear o livro, tampouco é adequada para livros indicados a leitores muito pequenos, pois os grampos podem machucar as crianças. Apenas para um volume pequeno de páginas, abaixo de 50, o grampo simples é considerado seguro e pode ser manipulado pelas crianças.

Os elementos paratextuais também são fundamentais para tornar a obra atrativa. Por paratextos pode-se entender “os componentes textuais e iconográficos que não fazem parte diretamente da narração, como: formato do livro, título, capa e contracapa, página de rosto, dedicatória, apresentação do autor e da obra, ficha catalográfica etc.” (POSLANIEC; HOUYEL, 2000 apud FARIA, 2004). Certamente uma capa pode convidar à leitura, pode despertar a curiosidade do leitor.

Por transmitir informações que permitem apreender o tipo de discurso, o estilo de ilustração, o gênero etc., a capa introduz o livro antes mesmo de este ser



aberto, e expõe aspectos que somente seriam revelados posteriormente, ao longo da leitura. A capa de um livro se constitui pela primeira e quarta capas (ou contracapa), que podem ser independentes ou compor uma única imagem. Nesse sentido, o ilustrador ou capista podem antecipar informações ou dar dicas preciosas acerca do enredo, já a partir da capa. (SOUZA; LIRA, 2018, p. 119)

Outros paratextos que têm ganhado espaço no mercado editorial e têm sido bastante usados pelos ilustradores são as guardas. Elas estão imediatamente após a capa e tem como função grudar a capa ao miolo, que é o conjunto de folhas de um livro. As guardas de um livro podem ser lisas ou ornamentadas e geralmente estão presentes apenas em edições em capa dura. Elas costumam trazer algum detalhe sobre a obra, estimulando a imaginação do leitor, dando alguma pista ou acrescentando uma ilustração com informações essenciais para a compreensão do texto verbal.

Os elementos materiais e paratextuais contribuem para a qualidade da obra literária infantil, que é decisiva para a formação de novos leitores, contribuindo em vários aspectos para o aprendizado e o desenvolvimento pleno das crianças. O livro é um objeto cultural, nesse sentido aprender a manuseá-lo, atribuir sentido a suas formas, relacionar os paratextos à história que é contada na obra são ações sociais importantes para a aprendizagem e desenvolvimento. Segundo Scheffer:

Toda história contada ou lida, é uma experiência nova para a criança. O amor pelos livros não é coisa que apareça de repente. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles lhe podem oferecer. Aos poucos ela ganha intimidade com o objeto-livro. Acreditar que um livro pode dar prazer a criança é fundamental, pois instiga a buscar essa prática no dia a dia e preocupa-se em oferecer espaços e oportunidades para esta realização. (SCHEFFER, 2010, p. 20)

Para que a experiência literária seja mais rica para crianças, é preciso levar em consideração o que chama mais a atenção delas, tanto do ponto de vista da materialidade e dos paratextos, quanto no que se refere à história contada. Embora não haja uma padronização, é possível identificar algumas características comuns do momento da vida da criança e relacioná-las aos livros, como o desfralde, a ida à escola pela primeira vez, a perda do dente, o medo do escuro, as brincadeiras comuns em cada momento da infância, a relação com o bichinho de estimação etc. Bem como também é possível trazer temas que constituem a vida e que são tratados na literatura infantil com uma linguagem muito próxima dos pequenos, como a morte, a solidão, o abandono entre outros.

A linguagem verbal utilizada na literatura infantil é singular, sendo uma elaboração artística que apresenta ou narra um mundo a ser visto e explorado pela criança, uma linguagem que organiza episódios de personagens vivendo situações similares (ou não) às experienciadas

pelos pequenos leitores. A criança, ao ver o material gráfico que compõe as palavras no contexto do livro, ao ouvir a proferição da história contada pelo outro, ao atribuir sentido à história, aprende a estruturar enunciados, a moldar a fala às formas do gênero do discurso, a relacionar a oralidade à escrita, a entrelaçar partes que vão dando sentido a uma fabulação, internalizando atos sociais de linguagem.

As narrativas, tradicionais ou modernas, oportunizam às crianças compreender situações da vida. Num texto, as sequências de ações da personagem principal, por exemplo, criam uma noção de temporalidade, vinculam-se a possibilidades verossímeis de acontecimentos previsíveis ou surpreendentes, nas quais uma realidade mais dura ou uma fantasia podem se manifestar. Em se tratando dos atos narrativos, a criança aprende a reconhecer fases que, de acordo com Faria (2004, p. 24-25), são: *situação inicial* (apresenta-se um estado de equilíbrio ou um problema a ser enfrentado pela personagem); *desenvolvimento* (o equilíbrio passa a desequilíbrio com o surgimento de um problema. O "miolo" da narrativa concentra as tentativas de solução, com ou sem ajuda de pessoas ou atos reais ou da ordem do maravilhoso); e *desenlace* (pode ser feliz ou infeliz. No desenlace feliz, há a solução do problema e a recuperação do equilíbrio. No infeliz, o problema não é resolvido e o equilíbrio inicial não é recuperado).

A literatura infantil apresenta diversos diálogos entre a linguagem verbal e não verbal (ilustrações) e essa é justamente uma riqueza característica dessa produção. Bras (2013) enfatiza que os contos e ficções muitas vezes híbridos (texto + imagem) produzidos para crianças não devem abrir mão de seduzir também os mais velhos, ou seja, o rótulo de literatura infantil não deve ser sinônimo de infantilização da linguagem e das imagens. As narrativas não necessitam ter um tom moral ou seguir padrões estereotipados, entre outros aspectos. Assim, é um erro pensar na literatura infantil como uma literatura menor, que serve de suporte para a alfabetização e de escada para a literatura maior, escrita para os adultos. Trata-se de uma elaboração literária plena, com suas próprias características e convenções sendo “uma arte autônoma, com seu código próprio, com seu jogo de forças particular. É uma arte capaz de promover uma interação singular, muito diferente da proporcionada pela literatura adulta” (BRAS, 2013, on-line).

De acordo com Faria (2004, p. 43), a ilustração precisa concentrar elementos de hipersignificação da narrativa, ou seja, os elementos estáticos, ligados à descrição, por meio de sugestões espaciais, como o ambiente em que se passa a ação, as personagens e suas características como a roupa que vestem, o lugar em que vivem, seus objetos pessoais etc.; e os

elementos dinâmicos, ligados ao encadeamento da narrativa, como exprimir com clareza a ação, os gestos e as expressões motivadoras das personagens, além de marcar o ritmo da ação e a progressão da narrativa.

A ilustração, para o público infantil, é tão importante quanto o texto, constituindo uma espécie de novo objeto cultural, em que visual e verbal se mesclam. Além de ser um dos grandes atrativos do livro infantil, a ilustração frequentemente tem a função de explicar, complementar, ornar um texto, acrescentar informações à história e chamar a atenção para o objeto livro. Elementos visuais como a simplicidade da linha, altura ou largura da superfície, ideia de volume, contraste de luz e o uso de cores, por exemplo, contribuem para atrair o olhar do leitor e para aumentar a qualidade da imagem, que deve contribuir para criar sentido ao texto visual, estando em constante diálogo com ele. A inter-relação entre palavras e imagens nos livros infantis é fundamental para a qualidade da obra literária. Texto e imagem possuem linguagens distintas e devem estar em equilíbrio, complementando-se. Nikolajeva e Scott (2011, p. 15) afirmam que:

O texto verbal tem suas lacunas e o mesmo acontece com o visual. Palavras e imagens podem preencher as lacunas umas das outras, total ou parcialmente. Mas podem também deixá-las para o leitor/espectador completar: tanto palavras como imagens podem ser evocativas a seu modo ou independentes entre si.

De acordo com Bras (2013, on-line), nos últimos anos, acompanhando a evolução do texto, a ilustração dos livros para crianças está vivendo um grande momento criativo no Brasil. O ilustrador deixou de ser apenas o profissional que repete, com imagens previsíveis e redundantes, na linguagem do cartum ou dos quadrinhos, o que o texto já está falando. Agora o ilustrador é “coautor dos livros, um cúmplice conceitual do escritor. Quando não é ele mesmo o próprio escritor”.

Segundo o Guia IAB de Leitura para Crianças<sup>4</sup>, a leitura literária, o texto escrito, é importante para as crianças na faixa do 0 aos 6 anos, porque apresenta frases completas, sem

---

<sup>4</sup> O Instituto Alfa e Beto se dedica a promover o conceito de educação baseada em evidências e tem foco em intervenções voltadas para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental com ênfase na alfabetização e leitura, por meio de programas de ensino, livros infantis, materiais didáticos, paradidáticos e serviços. O Guia de Leitura para a Primeira Infância elaborada pelo Instituto Alfa e Beto contém 600 títulos de livros que toda criança deve ler antes de entrar para a escola e tem como objetivo identificar e promover um conjunto integrado e consistente de leituras que devem formar a base de informações, conhecimentos e valores da cultura brasileira e universal; e identificar e promover livros de alta qualidade em aspectos como conteúdo, ilustração, pertinência de linguagem, qualidade gráfica e facilidade de manuseio; entre outros. Disponível em: <<https://alfaebetosolucoes.org.br/guia-iab-de-leitura/>> Acesso em 20 jun. 2021.

omissões típicas da fala; respeita a concordância de tempo e dessa forma ajuda a compreender a ordem natural dos eventos; utiliza algumas categorias gramaticais com maior frequência do que a fala, especialmente advérbios, preposições, conjunções e pronomes; introduz personagens diversos, que permitem à criança sair de si e estabelecer relações de previsibilidade de comportamentos, sentimentos e ações; estimula e permite à criança memorizar, decorar, repetir palavras e frases, antecipar cenas e, dessa forma, ampliar seu repertório semântico e sintático.

### 3. Uma análise da obra *Selou & Maya: Maya & Selou*

A obra *Selou & Maya: Maya & Selou*, das espanholas Lara Meana (texto) e María Pascual de la Torre (ilustração), com tradução para o português de Graziela R. S. Costa Pinto, das Edições SM, é um livro bastante singular. Conta a história de duas crianças, Selou e Maya, que são vizinhas e vivem rotinas diárias repletas de fantasias e brincadeiras. O livro, conforme define sua ficha catalográfica (p. 4, Selou), trata-se de “obras publicadas juntas em sentido inverso”, ou seja, é um livro com duas capas, no qual a leitura pode ser iniciada tanto do lado de Selou quanto do lado de Maya, uma vez que as histórias se encontram no meio.

**Figura1:** Capa dupla do livro *Selou & Maya: Maya & Selou*: um livro, duas histórias



**Fonte:** Capa do livro *Selou & Maya: Maya & Selou*, SM, 2013

De acordo com o blog *Sala de Leitura*<sup>5</sup>, da editora Brinque-Book, a autora Lara Meana conta que o livro nasceu de uma encomenda editorial nos Estados Unidos, feita à ilustradora Sophie Blackall, que lhe propôs um trabalho conjunto: a confecção de um livro simples, bilíngue, para crianças bem pequenas, sobre animais. Meana conta que o projeto inicial não vingou, mas que a ideia a agradou e, de uma maneira inesperada, surgiu a imagem de duas crianças brincando com seus brinquedos, que são animais, cada uma ao seu modo. Embora o projeto não tenha sido concretizado na época, a ideia permaneceu e foi ganhando forma. A autora conta que percebeu que a rua já não era um espaço público de brincadeiras, e que a relação com as personagens devia se dar em casa. E em duas casas diferentes. Explica que a reflexão sobre a solidão das crianças, o isolamento em que vivem com poucas oportunidades de compartilhar brincadeiras, pouco a pouco impregnou o livro. A parceria com a ilustradora María Pascual vem do livro *¿Dónde están mis gafos?* (Onde estão meus óculos?) e o processo levou quase três anos para ser concluído.

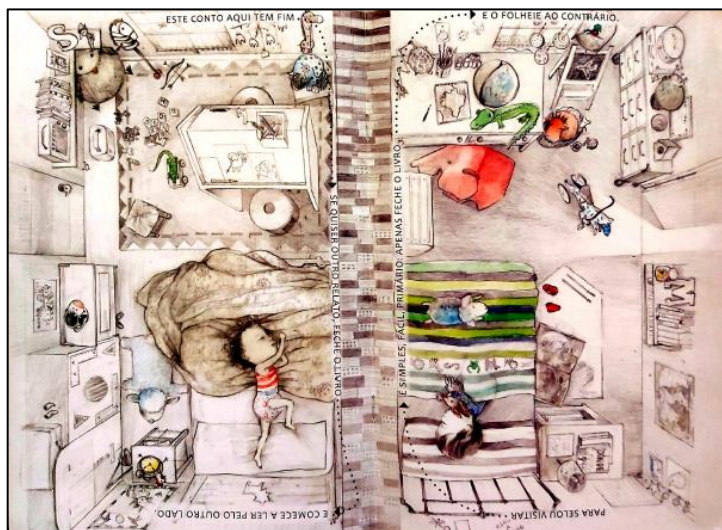
No formato 18,5x27,5cm, com 32 páginas, o livro traz uma proposta de diagramação bastante inovadora. Além da capa dupla, cada história inicia em uma extremidade e no meio do livro se encontra com a outra, em uma ilustração única, onde há uma recomendação para que o leitor feche o livro e recomece a leitura pela outra extremidade. Para ler a outra história, terá de realizar um movimento circular com o livro, deixando a primeira história lida de ponta cabeça, a fim de começar, em sentido convencional, a leitura da história “dois”. Na última página de Selou aparece a seguinte informação: “Este conto aqui tem fim. Se quiser outro relato, feche o livro. E comece a ler pelo outro lado” (p. 16, Selou). E na última página de Maya está: “Para Selou visitar. É simples, fácil, primário: apenas feche o livro. E o folheie ao contrário” (p. 16, Maya).

---

<sup>5</sup> MEANA, Lara. Lara Meana: basta oferecer a elas bons livros; as crianças farão o resto [mar. 2018]. Entrevistador: Grupo Brinque-Book. Blog Sala de Leitura. Disponível em: < <https://blog.brinquebook.com.br/sala-de-leitura/lara-meana-adultos-devem-oferecer-livros-de-qualidade-e-deixar-o-resto-com-as-criancas/>> Acesso em: 25 jul. 2021.



**Figura:** As histórias se encontram no meio do livro



**Fonte:** *Selou & Maya: Maya & Selou*, SM, 2013, p.16-16

A dobra do livro é importante na construção da história, porque as duas narrativas se encontram no meio, dando a impressão de que são dois quartos, o de Selou e o de Maya, divididos por uma parede. Selou mora na casa 7 e Maya na casa 5. Embora sejam vizinhas, as meninas não aparecem interagindo entre si. Predominam as brincadeiras solitárias, cada uma em sua casa, reforçando a ideia da autora de que a rua já não é um espaço público para a brincadeira. Na obra, tanto Selou quanto Maya vai estabelecendo relações com o mundo exterior a partir dos animais presentes em suas rotinas, seja como brinquedos ou adornos, de acordo com as influências que receberam das histórias ouvidas do pai e da mãe, respectivamente.

Souza e Lira (2018, p. 118) observam que o formato do livro pode influenciar diretamente na dinâmica da imagem e da narrativa como um todo: “Tendo em vista que o livro ilustrado deve ser pensado, sobretudo, no seu formato depois de aberto, o fato de ser retangular ou quadrado, vertical ou horizontal pode mudar o efeito procurado pelo ilustrador e, conseqüentemente, a própria relação livro-leitor”. No caso da obra *Selou & Maya: Maya & Selou*, cujo formato é vertical, “à francesa”, ou seja, mais alto do que largo, isso deixa as imagens mais isoladas, de modo que as composições ficam menos marcadas na sequência das páginas. Esta escolha também permite a exploração de ilustrações em páginas duplas, destacando bem os ambientes e as paisagens.

O ordenamento numérico das páginas não está impresso, mas dá a entender que é crescente e sequencial, iniciando em cada extremidade e numerado de acordo com as duas histórias, que se encontram no meio do livro. Metade das páginas, 16 páginas, são destinadas à



história de Selou e as outras 16 páginas à história de Maya. Esta disposição sugere uma ideia de sincronia de ações entre as personagens. Qualquer que seja o lado escolhido para iniciar a leitura, as duas meninas estão realizando as mesmas ações: acordar, tomar café, brincar, comer, dormir etc. nas mesmas numerações de páginas, cada uma do seu jeito.

Nas páginas 12-13 de cada história, por exemplo, elas estão tomando banho. É como se elas tomassem banho ao mesmo tempo, mas cada uma na sua casa e à sua maneira: Selou se imagina assustando os crocodilos no grito para tomar banho de rio enquanto Maya mergulha na banheira e se imagina nadando com os crocodilos nas nascentes do rio Nilo. No meio do livro, quando as histórias se encontram e o leitor é instruído a fechar o livro, virá-lo de “ponta cabeça” para iniciar a outra história, também cria um movimento que acaba se incorporando à experiência literária, ampliando as formas de exploração do livro pela criança.

A capa é um dos elementos materiais que primeiro atrai a atenção do leitor, uma vez que é uma espécie de “cartão de visitas” do livro, aquele que vai transmitir a primeira impressão sobre o objeto. É para ela que se voltam os primeiros olhares de quem busca um livro, e, sendo o “lugar de todas as preocupações de marketing, a capa constitui, antes de mais nada, um dos espaços determinantes em que se estabelece o pacto da leitura” (LINDEN, 2011, p. 57).

O título também é um elemento muito importante, pois introduz o enredo, podendo ou não chamar a atenção para o livro. No caso de *Selou & Maya: Maya & Selou* tanto a capa quanto o título chamam a atenção para o fato de ser um livro com duas histórias ou duas obras publicadas em sentido inverso. O fato de possuir duas capas reforça ainda mais o apelo para que o leitor fique curioso. Em *Selou & Maya: Maya & Selou*, a capa é constituída pelas fachadas das casas, que são estruturalmente iguais, mas com detalhes nas portas e janelas em cores diferentes, em vermelho na casa de Selou e em verde na casa de Maya. A disposição das casas deixa claro que se trata de casas vizinhas, as habitações parecem construções geminadas de dois andares. As personagens não estão em primeiro plano nas capas, mas é possível detectar suas presenças através dos detalhes que aparecem nas janelas: os cabelos de Selou, que aparentemente está brincando com um aviãozinho; ou os pés de Maya, que parece estar deitada de bruços sobre a cama, de pernas para o ar.

A encadernação é do tipo canoa, aparentemente o livro não apresenta riscos, uma vez que o volume de páginas é pequeno (32 páginas), foram utilizados apenas 2 grampos de cerca de 1cm cada para unir as páginas. A utilização da fonte conduit, apropriada para designs divertidos, e do papel Couché fosco 115gr contribuíram para tornar as páginas mais leves, realçando as imagens, onde predominam o grafite junto a uma cor mais viva.

Antes do início da história de Maya (p. 4, Maya), encontramos, na folha de rosto, uma breve biografia da autora Lara Meana e da ilustradora María Pascual de la Torre, além de várias imagens de Maya em diferentes poses. A mesma página 4 do lado de Selou traz informações catalográficas do livro, e imagens da menina em vários ângulos e vestimentas. Os textos não são partes das histórias, mas as informações são relevantes para a constituição da obra. As folhas de rosto tanto de Selou quanto de Maya contém o nome da autora e da ilustradora, o título da obra, o nome da tradutora e a editora, além de imagens das meninas. A presença das personagens logo no início dos livros, antes mesmo das histórias começarem, funciona como uma espécie de boas-vindas aos leitores, aguçando-lhes a curiosidade.

Outro detalhe nos paratextos que chama a atenção são as árvores genealógicas das crianças, logo nas páginas 2 e 3 do lado de Selou e nas páginas 2 e 3 do lado de Maya, nas folhas de guarda, antes do início de cada história. A família paterna de Selou é representada por um baobá do Senegal, iniciando com a avó Mariama e o avô Yaya e seus onze filhos, oito homens: Dioulder, Ousmane, Salif, Selou, Ifrahim, Boubakan, Bente e Bailo (pai de Selou) e três mulheres: Fatoumata, Khadiatou e Nenegale. A família materna de Selou é representada por uma castanheira da Bélgica, tendo origem com a avó Hilda e o avô Fernand e suas quatro filhas: Sophie (mãe de Selou), Colette, Monique e Catherine. As árvores, cheias de galhos, são uma alusão ao continente africano e ao continente europeu, que são mais antigos, demonstrando que as famílias são mais antigas e numerosas.

A família paterna de Maya, por sua vez, é representada por uma paineira da Guatemala, iniciando com a avó Keyba e o avô Juan e seus três filhos: Mildred, Danilo e Credyo (pai de Maya). A família materna é representada por um ipê do Brasil, com as raízes representando a avó Marília e o avô Eduardo e ramificando para os dois filhos: Lara (mãe de Maya) e Mateus. As árvores, menos robustas e com poucos galhos são uma referência ao continente americano, um novo continente, e por isso com famílias mais novas e menos numerosas.

As árvores genealógicas reforçam a valorização das origens e da diversidade na vida das pessoas, abordando as possíveis diferenças culturais entre os países e funcionando como uma espécie de referência para as crianças, sobre como suas próprias origens influenciam suas rotinas e seus modos de ser e viver. O interessante é que, com exceção do pai de Selou e da mãe de Maya, as personagens que constam em ambas as árvores genealógicas não atuam diretamente na história, embora seja inegável a influência que exerçam sobre as meninhas.

A história de Selou relata um dia na rotina da menina. Tem início com a criança sendo despertada de forma barulhenta por um galo, depois ela bebe leite no lombo da vaca, imagina-

se galopando na savana no lombo de seu cavaleiro de pau Relâmpago, domando elefantes no circo ou brincando de assustar crocodilos na banheira. Todas essas ações indicam que se trata de uma criança dinâmica, curiosa e corajosa, capaz de assustar um crocodilo no grito!

A narrativa verbal em *Selou* é rica e repleta de metáforas (figura de linguagem que produz sentidos figurados por meio de comparações) e onomatopeias (figura de linguagem que reproduz fonemas ou palavras que imitam os sons naturais, quer sejam de objetos, de pessoas ou animais). Essas figuras de linguagem contribuem para criar proximidade com o leitor, uma vez que é comum as crianças nomearem ou criarem uma identificação com os animais pelos sons atribuídos a eles.

A forma como o galo se aproxima da cama de Selou, passo a passo, para despertá-la com um sonoro canto, pode ser comparada ao passar do tempo, ao funcionamento de um relógio, segundo a segundo, até tocar o despertador! E a forma como a menina reage, gaguejando, pode ser comparada também ao cacarejar de uma galinha. A repetição da primeira sílaba da palavra cria o sentido de não conseguir falar completo, como se ainda estivesse com sono:

*“Galo, como todos os galos, acorda cedo. Aproxima-se sorrateiro da cama, pé ante pé sobre a colcha. Um passo, dois, três...até chegar perto do travesseiro. Infla o peito, inspira e...  
-Cocoricóóóóóó  
-que-que-queiro dormir! – resmunga Selou”.* (p. 6-7, *Selou*).

A palavra *pocotó* também lembra o som do galope de um cavalo. E sua repetição passa a ideia da ação de uma cavalgada.

*“Pocotó, pocotó, pocotó...Vamos cavaleiro! Em freeeeeente!”.* (p. 9, *Selou*)

O efeito sonoro da narrativa verbal pode ser percebida também nesta passagem em que Selou brinca com o elefante, numa clara referência a um espetáculo circense, como se estivesse se apresentando para uma plateia. Há no texto o discurso comum no espetáculo circense, próprio do mundo mágico da infância:

*“Vou domar elefantes no circo...*

*Tchan tchan tchan tchan*

*Senhoras e senhores, entreeeeeem e vejam...”.* (p. 11)

A história de Maya, por sua vez, começa com ela sendo despertada por um suave cacarejo; depois diverte-se com a ideia de ter um sítio em Minas com uma vaca para ordenhá-la e fazer deliciosos queijos; morar em Nova York e dar voltas no carrossel do Central Park; preparar receitas deliciosas em seu restaurante de Paris, viajar pela Índia em um elefante

vermelho e nadar com os crocodilos nas nascentes do rio Nilo. Suas ações levam a crer que se trata de uma menina sonhadora, empática a ponto de deixar todas as crianças escorregarem pela tromba se seu elefante vermelho.

A narrativa verbal em Maya é repleta de adjetivos e diminutivos, que reforçam a sua natureza mais meiga e tranquila: “*Maya acorda com a luz da janela, sente coceguinhas na barriga e ouve um suave cacarejo: -Acorda Maya...; -Esta noite tive sonhos incríveis, Kirico*”. (p. 6-7, Maya). Sua história também está repleta de referências geográficas: “*Terei um sítio em Minas, como minha bisavó...*” (p. 8, Maya); “*Vou morar em Nova York num apartamento altíssimo*” (p. 9, Maya); “*Vou preparar receitas deliciosas no meu restaurante em Paris*” (p. 10, Maya); “*Viajarei pela Índia num elefante vermelho*” (p. 11, Maya); “*Vou explorar a África de ponta a ponta, do Egito ao Madagascar*” (p. 12, Maya).

As diferenças entre as duas meninas podem ser percebidas na forma como interagem com seus brinquedos. Pelas ilustrações, é possível notar a presença dos animais imaginários em contextos distintos e a forma como as pequenas garotas lidam com eles. Abordando as mesmas atividades diárias: acordar, comer, brincar, tomar banho etc., as duas crianças fantasiam suas rotinas com muita criatividade. Os mesmos animais: galo, vaca, cavalo, pássaro, elefante, crocodilo e ovelha marcam presença nas páginas do livro, interagindo com as duas personagens de formas diferentes. Com Selou de forma mais dinâmica e aventureira e com Maya de forma mais convencional.

**Figura:** Selou no lombo de Awa



**Fonte:** *Selou e Maya*, SM, 2013, p.8

**Figura:** Maya ordenhando Antonia



**Fonte:** *Maya e Selou*, SM, 2013, p.8

Os mesmos animais garantem uma unificação à obra, ou seja, mostram crianças diferentes que, apesar de vizinhas e de terem a mesma idade, tem vidas bem diferentes, com identidades próprias, e formas de agir, pensar e sonhar distintas. Nos diálogos presentes na obra também há a manifestação das personalidades das crianças:

No caso de Selou com a vaca: *“Na cozinha Awa a esperava com o leite preparado e lhe dá bom-dia. - Sabe, Awa, hoje tenho muuuuuuutoo que fazer - diz Selou”* (p. 8, Selou). Neste trecho a onomatopéia também está presente na forma como Selou estica a palavra *muuuuuuutoo*, como se fosse o mugido de uma vaca. O mugido da vaca reflete ainda a intensidade das ações da personagem, que é muito intensa, dinâmica e aventureira.

Na interação de Maya com o animal, que é mais tranquila: *“Terei um sítio em Minas, como minha bisavó, e uma vaca chamada Antônia. Vou ordenhá-la todas as manhãs. Beber seu leite e fazer queijo, manteiga, milk shake...”* (p. 8, Maya).

Tanto o texto verbal quanto as ilustrações não deixam muito claro se Selou é uma menina ou um menino, pois ela aparece de fraldas em várias cenas, tem cabelos crespos e bem curtos e suas ações remetem à um espírito mais dinâmico e aventureiro. De certa forma, Selou põe em xeque as questões de gênero, ao desafiar a distinção que existe entre “coisas de menino” e “coisas de menina”, tanto que possui o mesmo nome do seu tio Selou, irmão do seu pai. Contudo, um leitor mais atento irá perceber que Selou aparece de vestidinho e usa colar na folha de rosto de seu livro, prova da importância da “leitura” dos paratextos nas obras literárias. A autora não se prende aos estereótipos, ao contrário, destaca a valorização do “ser criança”, independente do sexo. Neste caso, o que se sobressai é a personalidade de cada criança e não o fato de ser menina ou menino.

No quarto de Selou, por exemplo, há muitos brinquedos com rodinhas, como o carrinho de jacaré, o cavalinho de pau, ou brinquedos que remetem às ações como o arco e flecha e blocos de montar. No quarto de Maya, predominam brinquedos como bichinhos de pelúcias e objetos ligados às viagens, como mapas, globos terrestres e lousa com desenho de avião. Tanto no quarto de Selou como no de Maya há livros, uma indicação de que a leitura faz parte da vida delas.

A influência do pai de Selou e da mãe de Maya são visíveis e os animais imaginados pelas meninas parecem refletir esta relação com as famílias. Os animais imaginados por Selou são predominantemente machos: galo, cavalo, passarinho, elefante, crocodilo. Todos de alguma forma trazem a ideia do cuidado que a garota recebe do pai, inclusive a ilustração do passarinho dando comida a ela (p. 10, Selou) e a ilustração do pai lendo histórias para a menina (p. 14-15,

Selou) apresentam semelhança no formato do corpo do pai e do passarinho, ambos estão à esquerda, com o tronco levemente curvado em direção à menina, de forma protetora. Já em Maya, há dois animais fêmeas, a galinha (p. 6-7, Maya) e a vaca (p. 8, Maya), ambos estão em cenas de cuidado e alimento o que pode sugerir a relação da menina com a mãe. Além disso, a garotinha diz que deseja crescer para estar em muitos lugares, como a mamãe e menciona Nova York, Paris, Índia etc., menciona também outra figura feminina inspiradora, a bisavó que possui um sítio em Minas Gerais (p. 8, Maya).

A narrativa explora aspectos do desenvolvimento infantil como o interesse pelos animais e o antropomorfismo (atribuição de características, pensamentos ou comportamentos humanos aos animais). Tanto Selou quanto Maya atribuem nomes à maioria dos animais com os quais interagem. A vaca de Selou é Awa, o cavalinho de pau é Relâmpago, o pássaro é Pio. Maya, por sua vez, batizou seu galo de Kirico e sua vaca de Antônia. Em cenas como a do galo Kirico que acorda Maya suavemente, chamando-a pelo nome (p. 6-7, Maya) ou da vaca Antonia que calça botas vermelhas combinando com o vestido de Maya (p. 8, Maya); do cavalinho Relâmpago de Selou que tem rodinhas nas patas (p. 9, Selou) ou do pássaro Piu que dá comidinha na boca de Selou (p. 10, Selou) há demonstrações de que as personagens gostam de imaginar os bichos de estimação entendendo o que elas estão falando, que eles oferecem a elas apoio emocional. Essas são ações típicas das crianças na primeira infância.

O uso de cores suaves chama a atenção para determinados detalhes da narrativa, geralmente ligados aos animais ou às personagens, como o elefante vermelho (p. 11, Maya) ou o edredom verde de Maya (p. 16, Maya) ou o babador vermelho (p. 10, Selou) e o jacaré esverdeado (p. 12, Selou) de Selou, e contribuem para a harmonia dos cenários. Há uma relação de complementaridade entre texto e ilustração e tanto o texto quanto a ilustração contribuem para dar sentido às histórias. A narrativa segue uma sequência cronológica ditada pelas ações realizadas ao longo de um dia. A imaginação das meninas também influencia na composição dos cenários, que misturam texto verbal e visual. A indicação etária não consta no livro, mas pode ser subentendida como de 0 a 6 anos, faixa a que se destina o Programa Leia para uma Criança e idade em que estão as protagonistas, haja vista a presença de trajes como fralda.

Apesar das aventuras e dos sonhos entre Selou e Maya terem natureza diversas, no final, as personagens têm em comum o fato de estarem no aconchego do lar: no colo do papai, no caso de Selou; ou deitada com a mamãe, no caso de Maya. Em ambas as ilustrações, há destaque para o objeto livro e para o ato social de leitura, pois o pai e a mãe contam histórias para as meninas, registrando um momento de interação parental das personagens.



*Selou & Maya: Maya & Selou* mostra diferentes representações da infância e aborda temas como a diversidade racial; a diversidade cultural e, de forma indireta, a diversidade de gênero, de forma simples e descomplicada, de maneira que seus leitores possam sonhar, viver aventuras, rir, questionar, brincar, criar empatia e se emocionar junto com as personagens. Enfim, a obra que desafia estereótipos, induzindo o respeito à diversidade e as particularidades de cada ser humano. Faz pensar como duas crianças da mesma idade, morando tão próximas, podem ser tão diferentes e tão iguais.

### **Considerações finais**

A obra *Selou & Maya: Maya & Selou* conta duas histórias semelhantes à realidade de muitas crianças. As narrativas são construídas a partir de inúmeras ações rotineiras na vida das protagonistas, transformadas pela força da imaginação. É um indício do poder da leitura literária no desenvolvimento das crianças, mesmo daquelas que ainda não estão alfabetizadas e que dependem da proferição de um adulto para ler.

Selou ouve muitas histórias do pai e a partir destas histórias vai construindo seu mundo, transferindo para a sua vida as influências das histórias que ouve. Ela se apropria das histórias, tornando-se protagonista das aventuras que, provavelmente, ouviu do pai. Maya, por sua vez, ouve muitas histórias contadas por sua mãe. A menina imagina viver ações rotineiras em lugares diferentes do mundo: Minas Gerais, Nova York, Paris, Índia, Egito e Madagascar. Tanto o pai de Selou quanto a mãe de Maya são contadores de histórias, e os livros parecem ser parte importante na vida das duas meninas. A leitura, nestes casos, representa um grande fator de estímulo à imaginação e ao desenvolvimento infantil.

As crianças precisam ter acesso à uma literatura de qualidade, que contribua para a sua formação e o seu desenvolvimento como ser humano. E, nessa literatura de qualidade pensada para as crianças, elementos como a materialidade, os paratextos e uma boa narrativa tanto verbal como não verbal (ilustrações) são imprescindíveis.

Em relação à materialidade, o livro *Selou & Maya: Maya & Selou* apresenta uma proposta bastante interessante: duas histórias em um livro, cada qual ocupando metade do livro. São duas capas e, quando as histórias se encontram na dobra do meio, o leitor é orientado a fechar o livro, virá-lo de ponta cabeça e iniciar a leitura pela outra extremidade, tornando a leitura ainda mais divertida. Os paratextos são significativos porque destacam a dobra do livro, onde as histórias de Selou e Maya se encontram; as guardas que trazem as árvores genealógicas

das meninas, que vão influenciar quem elas são e suas identidades; e as folhas de rostos que contêm informações importantes sobre o texto, inclusive a indicação do gênero de uma das personagens, entre outros elementos.

As ilustrações são essenciais na construção da história e complementam e valorizam a linguagem verbal, fornecendo informações importante para que o leitor possa “enxergar” além do texto verbal. Os traços suaves e o uso de algumas cores mais fortes para destacar um detalhe contribuem para chamar a atenção para as personagens que realizam as mesmas ações de forma sincronizada, mas cada uma fantasiando à sua maneira. O texto verbal, por sua vez apresenta-se bastante rico, com o uso abundante de figuras de linguagem como metáforas, onomatopeias e hipérboles, além de adjetivos e vocábulos no diminutivo que trazem sonoridade, ritmo à leitura e construção de sentido relacionado às aventuras e, em determinados momentos, à delicadeza.

Selou & Maya: Maya & Selou traz inúmeras possibilidades, com grande potencial para o Letramento Literário. A comunhão entre o texto verbal e o não verbal permite que o jovem leitor, por meio da rotina das personagens, possa extrair elementos para ultrapassar o sentido literal e compreender o texto, fazer inferências, formular uma opinião a respeito de determinado assunto, compreender o que não está no texto verbal e o que está implícito, entre outros aspectos. O livro é capaz de encantar e de favorecer o desenvolvimento de uma relação perene com a leitura, incentivando práticas de leitura literária ao longo da vida. Além disso, a literatura, pelo seu poder de humanizar, manifesta em *Selou & Maya: Maya & Selou* potencialidade para reflexões sobre temas importantes como questões culturais, questões de gênero, alteridade, empatia etc.

## Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaskman. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

AZEVEDO, Fernando. **O Plano Local de Leitura e a formação de leitores**. In E. Debus, F. Azevedo & M. L. P. Spengler (Coord.), *Práticas de formação de leitores* (pp. 7-10). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação, 2021.

BRAS, Luis. **Literatura infantil: apenas para menores?** Revista Ponto (Sesi), São Paulo, abril de 2013. Disponível em: < <http://revistaponto.com.br/literatura/literatura-infantil- apenas-para-menores/> >. Acesso em 30 abr. 2021.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do Ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas, São Paulo: EPU, 1986.

MEANA, Lara. **Selou & Maya: Maya e Selou.** São Paulo: Edições SM, 2016.

MELLO, Sueli Amaral. **A escola de Vygotsky.** In: CARRARA, Kester (Org). Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004, p. 112 -155.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: palavras e imagens.** Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

SCHEFFER, Cristiane Sebastião. **A literatura no contexto da educação infantil.** Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Três Cachoeiras, 2010

SIQUEIRA, Romilson Martins. **Do silêncio ao Protagonismo: por uma leitura crítica das concepções de infância e criança,** Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2012.

SOUZA, Renata Junqueira de; LIRA, Marcela de Araújo. Que vizinhos são esses? Palavras, imagens e práticas pedagógicas construindo significados para o livro ilustrado. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 116-136, jan./mar. 2018.